

CRIAR
OBRAS

Quem me dera...

Qual a obra que gostaria de ter criado?
Da música à publicidade, da arte à realização,
perguntámos a oito criativos.
Confissões. TEXTOS DE **KATYA DELIMBEUF**

JORGE SIMÃO



Jorge Palma

O cantor e compositor gostava de ter

composto "Don Giovanni", de Wolfgang Amadeus Mozart, com *libretto* de Lorenzo da Ponte. "Na realidade, vou reinventando esta ópera de cada vez que penso nela. Ouço-a com ouvidos de aprendiz, com uma certa inveja natural, por não ter vivido naquela época libertina (não me queixo da minha, mas acho que os cavalos dos frades que raptavam freiras corriam mais depressa que os actuais TGV) e com a frustração de não conseguir, com um simples acorde em Ré menor, apresentar a imponente figura do Comendador". Palma diz que gosta "de encarnar a figura de Giovanni, esse indivíduo amoral, amante das coisas boas da vida, por elas às vezes subjugado". "Na pequenez de Leporello, na Anna ultrajada, na despeitada Elvira, na seduzida Zerlina, está um pouco de todos nós. Tudo isto, transportado cá para dentro pelos canais auditivos, só pode ter um adjetivo: sublime". O compositor "também gostaria de ter escrito outras 1789 obras, pelo menos. Vai-se tentando..."





CONÇALO ROSA DA SILVA / "VISÃO"

A pintora transmontana sente-se sempre acolhida diante do mestre holandês da luz. "Rembrandt pintou, em 1631, um pequeno óleo sobre madeira que se pode ver no Rijksmuseum em Amsterdão. 'A Profetisa Ana' é um quadro tão belo que me fascina e emociona sempre que tenho a sorte de o admirar. Rembrandt pintou a mãe, que representa a Profetisa Ana lendo um grande livro, sobre os joelhos, iluminado por uma luz misteriosa. A mão pousada sobre as folhas é acompanhada de um olhar repleto de paz e concentração. Também eu desejo ocupar o lugar daquela mulher forte e sábia para ler caracteres hebraicos. Também eu gostaria de ser autora de uma obra com tanto conhecimento e significado. A lista das obras de que gostava de ser autora é enorme. A certeza das minhas limitações é ainda maior, o desejo de me ultrapassar é infinito."

Graça Moraes



Marco Sousa Santos

"Não sendo um nostálgico da forma ou do estilo, o desejo de

retorno a um tempo em que se desenhava ao ritmo da natureza, perto dela, em consonância com a sua 'verdade' (a do material), traz-me à memória a obra de Hans Wegner", conta o designer industrial e co-fundador da Experimenta Design. "Como autor, não desejo ter feito o que não fiz — mas consigo desejar reviver o contexto em que os 'homens de projecto' guardavam tempo para, com as próprias mãos, modelar a matéria, intervindo física e sensorialmente no 'desenho' e na formulação do objecto". Mais do que eleger a cadeira CH 24 como "um objecto de perfeição (inatingível na invenção do mundo das coisas)", Sousa Santos destaca "a natureza da obra do autor (Carpinteiro/Designer) na relação de mestria formal, sensorial e afectiva com o seu material de sempre, a madeira, produzindo através dela algumas das mais belas cadeiras de todos os tempos".



RUI DUARTE SILVA

Luís Onofre

O que o criador de calçado gostaria mesmo de ter inventado era o *stiletto*, o sapato de salto que foi usado pela primeira vez no princípio dos anos 50, pela marca Ferragamo. Para Luís Onofre, a novidade "veio sem sombra de dúvida mudar o conceito de moda a partir dessa altura". **"Eram feitos em madeira esculpida, à mão, com um tubo de aço no interior para sustentar o peso. Eram super-resistentes, mas cada salto demorava uma eternidade — uma a duas horas — a ser feito"**, conta o 'designer' que calçou a princesa Letizia Ortiz nas suas primeiras três apresentações oficiais. De facto, o que seria das mulheres sem o *stiletto*? Das Sharon Stone ou das Bond Girls? Deusas relegadas ao rés-do-chão.





ANA BALÃO

Pedro Bidarra

“Os criadores das artes comerciais falam em nome de outros”, começa um dos mais conhecidos publicitários portugueses, director criativo da BBDO. “São agentes, daí o nome agências, de anunciantes que os contratam para chegar aos consumidores — ao seu cérebro, coração e sentidos. Um pouco como na história do Cyrano de Bergerac, um redactor de declarações de amor a pedido dos menos abençoados, com o dom de tocar o coração, ou como os artistas da Renascença que recebiam ‘briefings’ de príncipes, papas e até de padeiros (há na Igreja de S. Domenico, em Sienna, um fresco pintado por Matteo de Giovanni segundo encomenda e ‘briefing’ da liga dos padeiros da cidade). Bidarra diz não ter “preferência por papas, príncipes ou padeiros. Desde que a encomenda tenha cabeça, tronco e membros e que Suas Excelências paguem, venham elas...” Não é fácil levá-lo a eleger uma campanha que não tenha sido ele a criar: “A minha admiração nunca chega ao ponto de dizer ‘quem me dera ter sido eu a fazer’”. Mas, “sem inveja criativa”, lá nomeia “essas duas extraordinárias campanhas, ‘1984’ e ‘Think Different’, desse grande príncipe do marketing chamado Apple”.





Dino Alves

O estilista confessa que foram inúmeras as vezes em que teve

pena de não ter sido ele a fazer determinada peça de roupa ou a ter tido a ideia de um desfile. "Ideias que também me tinham passado pela cabeça e que não fiz por não acreditar nelas naquele momento — e depois, claro, arrependo-me". Uma dessas ideias que gostava de ter tido é a que Hussein Chalayan teve para o seu desfile Primavera-Verão 07 cujas "peças de roupa eram feitas com materiais usados na construção de aviões e sofreram mutações de forma electrónica com controlo remoto". As manequins entravam na passerelle e, de repente, sem lhes mexerem, os vestidos transformavam-se — "encolhendo, esticando e mostrando detalhes, como se ganhassem vida." "Gostava, sobretudo, de ter feito o vestido final que desaparece, e que encolhe para dentro de um chapéu, ficando a manequim nua, numa imagem absolutamente poética", conclui Dino Alves.



Adília Lopes

"O livro que gostava de ter escrito era uma oração, um

cântico, que celebrasse o amor sem ironia, que fosse 'para todos e por todos entendido'. Usei aqui palavras de Sophia de Mello Breyner", partilha a poetisa e escritora. "Um livro que fosse como bálsamo para curar feridas. Que não rejeitasse ninguém. Um livro bonito e bondoso, que libertasse do medo. Como o 'Hino ao Amor', de S. Paulo. Sei que esse livro é uma utopia. Roland Barthes dizia que, sempre que escrevia, ia ferir um amigo sem querer. Escrever fere."

